

O ESTANDARTE CHRISTÃO

ORGÃO DA EGREJA PROTESTANTE EPISCOPAL NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Arvorae o estandarte aos povos — Isaías 62:10.

VOL. III.

ASSIGNATURA:
POR ANNO\$3000

PORTO ALEGRE, AGOSTO DE 1895

PUBLICAÇÃO:
UMA VEZ NO FIM DE
CADA MEZ

N. 8.

Expediente

Toda a correspondência deve-se dirigir á caixa do correio n.º 5.

O escriptorio da redacção acha-se no edificio da Escola Americana n.º 387 Rua Voluntarios da Patria.

REDACTORES REVDOS. J. W. Morris
W. C. Brown
A. V. Cabral

N'esta redacção dão-se todas as informações sobre tratados, e publicações evangellicas. Todas as pessoas que desejarem tomar assignatura d'este jornal dar-se-hão ao encommo de nos remetter seu endereço que serão immediatamente attendidas.

Os pagamentos poderão ser feitos pelo correio.

Relação das Igrejas

A Capella da Trindade

Rua dos Voluntarios da Patria N. 386
PORTO ALEGRE

Pastor: Rev. James W. Morris.

Junta Parochial:

Raymundo José Pereira, 1.º Guardião
João Leiras, 2.º Guardião; Gervasio M. de Moraes Sarmiento, Thesoureiro; Major José Lopes de Oliveira, Secretario; Carlos Emil Hardegger; Gabriel dos Santos.

A Capella do Bom Pastor

Rua Riachuelo Nr. 126
PORTO ALEGRE

Pastor: Rev. W. C. Brown.

Diacono: Rev. V. Brande.

Junta Parochial:

Antonio P. da Silva, Thesoureiro; Pinto de Leão, 1.º Guardião; José P. S. Norte 2.º Guardião.

A Capella do Calvario

RIO DOS SINOS

Pastor: Rev. Antonio M. de Fraga.

Junta Parochial:

André Machado Fraga, 1.º Guardião; Maurilio M. de M. Sarmiento, 2.º Guardião; Ernesto Gomes de P. Bastos, Thesoureiro; Affonso Antonio da Cunha, Secretario; Odorico F. de Souza; Lucas M. de M. Sarmiento.

A Capella do Redemptor

Rua Felix da Cunha Nr. 61
PELOTAS

Pastor: Rev. J. G. Meem.

Junta Parochial:

Belmiro F. da Silva, 1.º Guardião; Raphael A. dos Santos, 2.º Guardião; Amaro Pinto de Oliveira, Thesoureiro; Joaquim A. Fróes, Registrador; Manoel G. de Castro; Alípio J. dos Santos.

A Capella do Salvador

Rua 29 de Fevereiro, Esquina Villette
RIO GRANDE

Pastor: Rev. L. L. Kinsolving.

Junta Parochial:

Rodrigo da Costa, de Almeida Lobo, Thesoureiro; Manoel Thomaz de Oliveira, 1.º Guardião; Angelo Catalan, 2.º Guardião; João Vicente Romen, Registrador; Antonio Gazzineo, Jacyntho de Santa Anna.

Viamão

(Congregação ainda não formada)

Rev. Americo V. Cabral.

E' terminante

Todo aquelle pois que me confessar diante dos homens, tambem Eu o confessarei diante de meu Pai que está nos Céos. E o que me negar diante dos homens, tambem Eu o negarei diante de meu Pai que está nos Céos.

Ha muitos modos de mostrarmos a nossa gratidão para com Jesus Christo, mas quer-me parecer que nós não provamos a nossa gratidão para com Elle, quando nos envergonhamos do Seu Nome, isto é, quando nos envergonhamos de ser christãos. Imaginae um piloto que descobrisse um parcel desconhecido aos outros navegantes e que, em lugar de avisar seus collegas conservasse, o mais absoluto silencio. E' o que faz o christão, o individuo cujos olhos foram abertos para conhecer os perigos que corre a nossa alma (quando está indiferente a Jesus Christo) e que conserva o mais absoluto silencio, escondendo com a capa de um falso acanhamento essa luz que Jesus lhe deu e que pôde ser o pharol de salvamento para quantos o rodeiam. Quando Nosso Benedicto Mestre andou neste mundo, um homem muito sabio, entre os Judeus, chamado Nicodemus, gostou muito de Jesus, eria nelle, mas tinha tanto medo dos seus patrios que só procurava Jesus Christo de noute quando ninguém o podia ver.

Assim ainda hoje ha muitas pessoas que sabem que as doutrinas de nosso Benedicto Mestre são a verdade, sabem que Jesus Christo só quer o que é melhor para nós, sabem tudo isso, mas não querem parecer christãos, por motivos como estes:

I. *Tem medo de perder algum lucro que porventura tenham, em virtude de não terem religião alguma.*

II. *Tem medo da ironia dos que o cercam.*

Examinemos estes dois motivos e vejamos se elles tem o peso que se lhes pretende dar.

Em primeiro lugar eu queria perguntar aos patões, por exemplo, que mal ha para elles que seus empregados sigam o Evangelho? *Distrahe* é o que elles dizem, não tem motivo mais algum de accusação. Mas a Igreja não distrahe o empregado do cumprimento dos seus deveres mais do que o faz o baile, o espectáculo, o prado, o café concerto, o circo e o lupanar. E se admittissemos que o Evangelho distrahe alguém do cumprimento de seus deveres, quando muito ao contrario elle nos recommenda diligencia em nosso cuidado, os nossos adversarios tambem haveriam de concordar que o Evangelho era a especie de distracção que menos poderia affectar o caracter de um empregado e que, muito pelo contrario, era destinada a adornal-o cada vez mais com os predicados de uma moralidade sólida.

A questão vista pelo lado dos que tem empregados christãos está pois resolvida.

Agora quanto aos christãos, elles não devem temer a perda de seus empregos por serem christãos. Se elles são christãos fieis e diligentes, vão ter acceptação em qualquer parte, porque a sociedade nunca precisou tanto de homens de bem, como agora.

I. Examinemos agora o segundo ponto que muitas vezes impede que os christãos se manifestem e se venham unir á Igreja: — *A ironia.*

Nos tempos da Igreja Primitiva vemos como S. Paulo foi apedrejado, como S. Estevam foi morto; e mesmo nos seculos escuros da Edade Média a Igreja de Jesus Christo teve seus martyres e confessores.

Mais tarde, quando surgiu a Reforma Religiosa, foi essa Reforma afogada em sangue na Hespanha e em Portugal. Em França a noitada de S. Bartholomeu e nos Paizes Baixos o degollamento de 30.000 pessoas são factos que marcam sinistramente a historia das perseguições religiosas.

Mas hoje a civilização modificada e dirigidada em grande parte pelos principios christãos já não exige do christão essas sacrificios, senão nos paizes barbaros ou semi barbaros. Hoje a fogueira onde o christão tem de comprovar, muitas vezes, é a fogueira do desprezo dos que o cercam. Os humildes pescadores do lago, Genezareth como o eminente S. Paulo, doutor por excellencia da theologia christã, foram todos elles amargamente desprezados.

O christão de hoje tambem tem que soffrer o desprezo, a ironia, o motejo e á esta guerra singular ha muito poucos que resistem, justamente porque são poucos que querem perder o favor transitorio e inconstante do mundo. Contudo as palavras de Jesus vem a nós como a voz de um general em todo o horror da batalha, animando os seus soldados por uma ordem terminante que colloca o soldado entre duas acções tão sómente: «Vencer ou morrer», «*Tudo aquelle pois que me confessar diante dos homens, tambem Eu o confessarei diante de meu Pai que está nos Céos.*»

Mas ainda n'este respeito podemos ver que o triumpho hade coroar os esforços da fidelidade a Jesus Christo. Se um christão continúa fiel, afinal os seus parentes, os seus amigos vendo a simplicidade, a pureza de sua vida hão de emmudecer, não tendo de que dizer mal. E mais do que isso, muitos hão de ser despertados por esse exemplo e se hão de converter.

Sin: hão de converter-se pelo vosso testemunho! Si os christãos procurassem occultar em suas acções e em suas palavras a fé que os anima, então o christianismo não teria ultrapassado os estreitos limites da Judéa.

Essa confissão corajosa que os christãos tem dado em todos os seculos a custa da sua posição, da sua fortuna, da sua vida, tem sido a semente de fé lançada no grande campo da humanidade, fazendo exemplificar o numero dos crentes e dos adeptos.

Mas qual a maneira de confessar Jesus Christo? A melhor maneira de confessar Jesus Christo é praticar as virtudes christãs, fazendo a nossa vida uma imitação da vida de Jesus Christo, deixando firmemente de tomar parte nas dissoluções deste mundo corrompido.

Mas da mesma maneira que um soldado na batalha não se aparta de seus companheiros para ir combater sózinho, porém, muito ao contrario, esforça-se por cerrar cada vez mais a fileira, assim um christão não deve negligenciar o dever de unir-se á Igreja de Jesus Christo para que os seus esforços sejam de melhor forma aproveitados. E assim como um contracto de matrimonio deve ser publico para que todos saibam a alliança legitima que uniu dous entes, assim tambem o pacto entre o homem e Deus, a alliança entre Jesus Christo e o homem deve ser publicada. E' por isso que nós convidamos os que querem seguir Jesus Christo a fazerem uma profissão publica de sua fé, e, a abjurar publicamente, em presença dos seus futuros irmãos, toda pompa e vaidade d'este mundo perverso. Ha n'esta união com a Igreja, e n'essa profissão vantagens multissimas para a Igreja de Jesus Christo, e muitas mais ainda para o christão em particular. E' natural que muitos pensem que seu contingente nada vale para a Igreja.

Mas todos, mesmo os mais humildes, tem uma esphera de influencia, tem um circulo em que convivem e onde o seu exemplo hade reflectir mais cedo ou mais tarde. Pois bem a nossa influencia é uma das coisas que nós temos de melhor para offerir ao Nosso Divino Mestre em gratidão pelo seu immenso amor para conosco. E quanto ás vantagens que o christão pôde tirar de sua união com a Igreja ellas são innumeráveis. A Igreja é a grande escola militar do Christianismo onde se

vão preparar devidamente os recrutas que tem professado o nome de Jesus Christo. E aproveito a occasião para notar aos irmãos que a profissão é apenas um dos primeiros passos no progresso de uma vida christã, e que deveis lembrar-vos que a Biblia e o posto da oraçãoahi estão diante de vós como fontes inexgotaveis de consolação e de instrução religiosa.

Deveis, depois de ter professado o nome de Jesus Christo perante Deus e os homens, usar de muito amor, de muita caridade em trato com os vossos irmãos. Não deveis ser muito rigidos em julgar os vossos irmãos porque deveis lembrar-vos que á semellhança do povo hebreu que precisou 40 annos de preparação no deserto afim de estar apto a tomar conta da terra prometida, visto ter trazido da terra da escravidão tantas más inclinações, assim nós, sahidos a pouco tempo das trévas egypcias e da escravidão espiritual não podemos exigir dos nossos irmãos uma perfectibilidade relativa.

Pelotas, Julho de 1895,

Pro Veritate.

Mais luz!

Foi este o derradeiro pensamento, a derradeira exclamação do grande poeta allemão Goethe ao transpor o limiar da morte. O sol nascente começara a brilhar, e Goethe enlevado pelo seu brilho levanta-se em busca do astro solar. Mas a morte apodera-se d'elle, e cahé então n'um divan exclamando:

«Dass mehr Licht hereinkomme.»

Mais luz! é o ultimo pedido d'aquelle grande poeta.

Trazendo este facto á vossa apreciação, presados leitores, não é meu intuito, relatar simplesmente o que a historia nos conta, porém sim estabelecer uma comparação, e oxalá que ella vos faça comprehender o fim que levo em mente, trazendo-vos tambem ao conhecimento d'essa brilhante luz de que vos quero fallar.

A luz do astro solar despertou no poeta aquelle pensamento que elle exprimio na hora derradeira, e que hoje ainda resoa. Aquella expressão foi uma prova eloquente da anciedade que se apoderou d'aquelle genio na hora extrema, d'essa anciedade que ainda no dia de hoje se apodera de muitos corações.

Mas de que luz fallaria o poeta? Seria acaso da luz de sua intelligencia, cujos raios já haviam dourado as suas produções poeticas? Não nos é dado saber. Porém, se n'este ponto ha espirito de duvida esse não pode existir quando pensamos que aquella exclamação foi uma prova de anciedade.

E quantos entes, em nossos dias, anciosos, não exclamarão da mesma forma que o poeta?

Quantos depois de verem extinguir-se esse brilho, pouco duradouro, das coisas mundanas não exclamarão: Mais luz?!

Deveis porém almejar uma outra luz. Uma luz que nunca se apaga, uma luz que até o cego pode ver, uma luz que brilha, cujos raios dourão a vida humana, dão ao homem um novo aspecto, uma feição mais digna e mais brilhante.

E essa luz que tanto já tenho exaltado é a luz do bendito Evangelho.

Sin: presados leitores, Goethe ao expirar anciava por mais luz; e quantos nos nossos dias não anciavam pela luz da verdade pela luz do Evangelho?

— Camparamos agora um dever.

Vamos mostrar a estes, essa brilhante Luz que foi buscar sua origem nesse grande motor que é Jesus Christo; vamos expor as bellas e vivificadoras doutrinas do *Divino Mestre*; chamar essas almas ao arrependimento, convidando-as e mostrando-lhes a necessidade de entrarem n'uma nova phase de vida.

Dirijamos tambem uma palavra a esses mancebos, inexperientes, que attrahidos

pela luz das coisas mundanas, vão precipitando-se pela porta larga, mal sabendo o fim a que vão chegar. Não esquegamos pois esses jovens de quem a patria espera, vamos mostrar-lhes essa grande verdade, que só d'um bom christão pôde nascer um bom cidadão. Sim a esses jovens, a quem enthusiasma, o hymno marcial, que conduzia nossos avós ao campo da honra, dizíamos uma palavra que não só accendia esse grande fogo do enthusiasmo, mas que, ainda mais, fazia despertar os d'essa lethargia, em que jazem, conhecendo afinal, que no Evangelho encontrariam uma fonte onde podem beber, puras doutrinas, ensaios uteis, acharão também alli innumerables temas para o desenvolvimento de sua natureza intellectual, innumerables consolos para a sua natureza espiritual, e ainda mais, se obedecerem aos santos preceitos de Nosso bendito Mestre, conhecerão também que o Evangelho satisfaz as necessidades da natureza physica.

Sim; porque aquelle que tiver por norma de vida o Evangelho será um homem temperado, sadio, frugal; terá as bênçãos de Deus como recompensa de sua obediencia e fidelidade aos leis do Omnipotente.

Incompreensíveis são as riquezas do Nosso Senhor Jesus Christo, e tu leitor amigo si quizeres participar d'ellas, abraça este Evangelho que é a mina inexgotavel de um sem numero de thesuros.

Estás ansioso? Pedes mais luz? Approxima-te ao Evangelho e ahi encontrarás esse foco productor d'uma luz que nunca se apaga, que o cego enxerga e cujos raios dão á vida humana um aspecto mais brilhante e mais digno.

Frederico G. Schmidt.

Rio Grande, Agosto de 1895.

Nova inquisição?!!

Leiam os amáveis leitores o seguinte que transcrevemos d'um jornal, leiam bem, porque nos parece até incrível que neste seculo XIX, e n'um paiz civilisado como a velha Alemanha, se estabeleça um regimen inquisitorial. Leiam, e aquelles que por acaso ainda tem em conta as *apregoadas virtudes* d'esses jesuitas que infelizmente, parecem querer estabelecer em nossa patria o seu quartel general, vejam esta amostra, este fructo, das *apregoadas virtudes* dos taes.

Naquella Alemanha que foi o berço da Reforma, a patria do grande reformador Lutero, houve também um jornalista, que pegando na sua penna luminosa, traçou artigos que vierão por fim trazer á luz da verdade os factos que se davão no mosteiro de Mariaberg.

Sim, é á imprensa que cabe o dever de pelear em prol dos interesses sociaes, e manter a verdade, mostrando ao povo que este puff, este *reclame* das *apregoadas virtudes* dos jesuitas não passa d'um meio, ou d'um véo, atraz do qual se occulta a verdade dos factos.

Abstemo-nos de fazer mais considerações. Basta ler a simples descripção dos factos.

Na Alemanha, n'uma aldeia, ás portas de Aquisgrão, existe um mosteiro chamado Mariaberg e occupado por uma comunidade de religiosos caridosos da ordem de Santo Aleixo.

Estes irmãos, como todos os de sua ordem, occupam-se em tratar de enfermos, e a sua casa de Mariaberg é especialmente destinada a receber alienados.

Nestes ultimos tempos, o convento-asilo chegou a ter uns 600 doentes.

Descobriu-se ultimamente que nesse mosteiro os pobres enfermos eram victimas de horribes tratos, que fazem lembrar os da inquisição, de execranda memoria.

Max Nordau, o brilhante escriptor allemão, narra no seguinte trecho os horrores que se praticavam no tal mosteiro, numa carta ultimamente escripta á *Gazeta de Noticias*, do Rio:

«Os pensionistas de Mariaberg nunca foram tratados por medicos. A casa tinha dous, o Dr. Capellmann e o Dr. Chanttrain, que recebiam por anno o ordenado de 4.500 francos cada um, mas só assignavam os registros de entrada e os attestados de obito, sem visitar jámais os doentes. Estes eram maltratados horribilmente. A menor observação, os irmãos batiam-lhes com umas enormes chaves, que lhes abriam brechas na cabeça. Por esta forma assassina-

ram pelo menos um doente, e talvez mais outros de que não ha prova.

Atravavam os doentes ao chão, espinhavam-nos, esmurravam-nos a valer, atravavam-nos pelas escadas abaixo. Muitas vezes ficavam assim de braços e pernas quebrados. A alimentação era miseravel e insufficiente. A camisola de força e os anjinhos eram de uso constante. Para castigar os doentes recalcitrantes, os irmãos administravam-lhes, em pleno inverno, em cellulas especiaes, duchas de agua gelada; outras vezes encarceravam-nos em quartos cheios de imundicie; outras, amarravam-nos despidos a uma taboa, mergulhavam-nos, com a cabeça para baixo, dentro de um tonel d'agua suja e so os tiravam para fora quando as bolhas de ar, escapando na superficie do liquido, indicavam grão adiantado de asphyxia. Deixavam-nos meio afogados o tempo necessario para tomarem folego e vomitarem a agua ingerida, e depois recommava a tortura.

Outro genero de martyrio consistia no seguinte: despiam o paciente e mettiam-no numa caixa circular formada por uma parede de latão e tendo no centro um fogareiro de ferro esbrazeado. Entre o fogareiro e a parede havia apenas o espaço de metro e meio. O torturado punha-se a correr á roda do fogareiro, berrando horroresamente; mas deixavam-no exposto ao brazeiro até gretar-se-lhe a pelle e parecer meio assada.

Além destes factos, provou-se que muitos dos pensionistas eram completamente sãos, mas condemnados por seus superiores em virtude de alguma falta de disciplina.

Os irmãos de Mariaberg não têm instrução, nem medica, nem de qualquer outro genero. São brutos inconcebíveis, antigos operarios, vagabundos, sujeitos, ignorantes, supersticiosos e cruéis.

Todos estes horrores e atrocidades foram trazidos ao conhecimento publico, produzindo, como facilmente se crê, um extraordinario escandalo, por ter fugido do pio estabelecimento uma victima, ali encarcerada como soffrendo das faculdades mentaes, e que encontrou generosa protecção num pobre homem, de sentimentos nobres, que armou contra os religiosos de Mariaberg pertinaz campanha, em que afinal, depois de muitas luctas e muitas decepções, sahio victorioso.

A Palavra „Dia“

no primeiro capitulo de Genesis

Ha certos leitores da Biblia que têm ficado muitas vezes perturbados no seu espirito sobre a palavra «dia» no primeiro capitulo de Genesis.

Elles julgam que essa palavra quer dizer um dia de 24 horas e ficam confusos por causa das declarações que talvez leiam nos jornaes e livros scientificos, ou que ouçam proferidas em conversas; as quaes declarações dizem que a criação do mundo levou não 6 dias, mas sim immensos periodos de tempo constando de milhares e milhares de annos.

Inquietos por causa da duvida elles podem chegar a uma de duas conclusões, cada qual mais pernicioso: Ou acreditam que a sciencia geologica não é verdadeira e essa conclusão prejudica muito o progresso intellectual; ou chegam a crer que a Biblia talvez fizesse um erro, o que milita muito contra o progresso espiritual.

Mas felizmente a palavra citada não quer dizer um dia de 24 horas, e esperamos provar isto pelas regras mais simples da interpretação biblica.

Ha muitas palavras na Biblia que são usadas em sentido figurativo, ou symbolico, como por exemplo, em S. João 10:9, «Eu sou a Porta.» Aqui a palavra «porta» não é usada no sentido litteral, mas sim figurativo, ou em outras palavras é um symbolo do facto que podemos entrar no Reino dos céus somente por meio de Christo.

No lugar em 2 Cor. 6:2, achase a passagem «Eis aqui agora o dia da salvação.»

E' evidente que não podemos tomar a palavra «dia» aqui no sentido litteral porque neste caso o unico dia da salvação teria sido aquelle em que essas palavras foram escriptas. O verdadeiro sentido é figurativo e applica-se a todos os tempos e quer dizer que para cada pessoa o «dia» da salvação é o tempo presente. Neste exemplo pois, e em muitos outros da Biblia, a palavra «dia» é synonymo de um periodo de tempo por maior ou menor que seja.

Vede sobre isso Sofonias 1:15; Isaías 67:2; Rom. 2:5; Eph. 6:13, e muitos outros.

No psalmo 89:4 (Figdo.) declara-se que «mil annos aos teus olhos são como o dia de hontem», e no texto em 2 Pedro 3:8 é expressamente dito que «um dia diante do Senhor é como mil annos, e mil annos como um dia.»

Lembrando-vos de todos esses exemplos voltemos agora para o capitulo I de Genesis.

E' quasi certo que Moysés, sendo inspirado por Deus, viu n'uma visão todos os eventos da criação do mundo.

Emquanto os successos do tremendo e sublime drama estavam desenrolando-se diante dos olhos em visão, elle podia notar certos distinctos periodos, ou divisões, de tempo, cuja duração ignorava, cada um sendo marcado por caracteristicos especiaes.

Elle usou da palavra «dia» para exprimir esses periodos, uma palavra empregada muitas vezes, como já vimos, para designar qualquer extensão de tempo.

No capitulo mesmo já citado pôde-se ver que a palavra «dia» não se usa no sentido de um dia de 24 horas, porque ella se acha na phrase «dia primeiro» (v.5), quando o mundo ainda estava sem forma e por conseguinte ainda não existia a divisão de tempo em dias litteraes de 24 horas causados por uma rotação do globo sobre seu eixo. Vede Gen. I:1 -- 5 inclus.

Mas talvez algum pergunte: Porque então usou Moysés das palavras «a tarde e a manhã» eram do dia primeiro», (v.5, e vede v.v. 8, 13, 19, 23 e 31.)

Notae, porém, que a expressão é «a tarde e a manhã», e não «a manhã e a tarde» como podiamos ter esperado. Examinando a passagem em Levítico 23:32 vemos que o dia judaico começava com a tarde; «de uma tarde até a outra» é a expressão. D'isto vemos que «a tarde e a manhã» é simplesmente synonymo com «o principio e o fim» do dito «dia».

Talvez haja quem pense que toda esta argumentação detrahe do poder de Deus qual manifestado na criação, mas um pouco de reflexão mostrar-lhe-ha que esse receio não tem fundamento. Não se manifesta menos poder em fazer um mundo em 6 milênios do que em 6 dias. Nenhum crente verdadeiro duvida que Deus Todo-poderoso podia crear um mundo não só em 6 dias, mas até n'um momento se quizesse.

Mas assim não foi do Seu agrado. E' o mesmo em cousas pequenas. Elle podia fazer uma laranja, por exemplo, em um instante, mas isso não seria mais admiravel do que o poder que Elle manifesta diariamente incluindo n'uma pequena semente o poder de produzir uma laranja da qual sahe a mimosa e aromatica flor seguida pela laranja perfeita.

E' o mesmo com o mundo! Quando se falla em omnipotencia, a criação do globo terrestre não é menos sublime por ter levado milhares de annos em lugar de dias, visto que o Eterno Deus não é limitado pelo tempo.

Devemos notar também a passagem em Exodo 20:11, a qual é uma parte do Quarto Mandamento.

A passagem é citada de uma outra em Gen. 2:2,3. Talvez alguém julgue que o raciocinio usado neste artigo destrua toda a autoridade do quarto mandamento, mas aqui também um pouco de reflexão mostrará que a obrigação de guardar o domingo não é menos agora do que antes. O verdadeiro principio envolvido no mandamento é que uma setima parte de nosso tempo pertence especialmente a Deus. Seria o mesmo para nós se a criação levára 6 dias (litteraes), ou 6 annos, ou 6 milênios, visto que Deus «descançou» no dia setimo de toda a obra que fizera» (Gen. 2:2).

Qualquer que fosse a extensão d'esses periodos, o «dia», Deus «descançou» no «setimo». D'aqui vem a lei divina que devemos dedicar especialmente a Deus uma parte em sete de nosso tempo.

Os apóstolos mostraram o verdadeiro espirito do mandamento quando mudaram o dia sagrado do setimo para o primeiro dia da semana, obedecendo ainda a lei divina de guardar-se santo um dia em sete, mas ao mesmo tempo commemorando para sempre a resurreição do Filho de Deus.

Terminamos com a esperança que temos provado da Biblia mesma que a palavra «dia», no capitulo I de Genesis, quer dizer um periodo indefinido de tempo.

Visto que a sciencia da Geologia prova a mesma coisa vemos aqui que não ha conflicto nenhum entre a Biblia e a sciencia.

Cada vez somos mais admirados de que Moysés podia descrever esses sublimes acontecimentos na linguagem simples de seu seculo, e ainda com tão maravilhosa exactidão que as mais profundas pesquisas da sciencia hoje não tem achado erro algum.

O poder de fazer isto milhares de annos antes que a Geologia fosse conhecida, mostra que Moysés foi verdadeiramente inspirado por Deus.

Pelotas.

J. G. Meem.

Impressões

(a F. G. S.)

Escrever impressões não é escrever historia: é alguma coisa mais do que a fria narração dos factos; é alguma coisa menos do que a exposição coordenada dos acontecimentos.

O que foi a minha missão ao Rio Grande e Pelotas, não posso dizer, justamente porque tive a vista turbada pelo fumo da guerra; algum frio expectador que o faça. Quanto a mim, limitar-me-hei a extrahir do registro intimo da memoria alguma coisa que sirva de singela inscripção no marco do passado, assignando o lugar onde se combateram rijamente e onde se confundiu fraternalmente.

Foi no dia 23 de Agosto ao meio dia mais ou menos que deixámos Porto Alegre. O Mercedes levava a seu bordo muita gente, como de costume. Viagem magnifica, apesar do tempo denunciar-se transornado, após os bellos dias do meado de Julho.

Cahiu a noite, ou para dizer como Victor Hugo, subiu a tréva, porque a escuridão vae da terra e a luz vem do Céu. Como muitos outros, eu só poderei obter uma passagem á ré, porém sem commodos. Era alta noite quando os passageiros de camarote, abandonaram a camara, unico lugar onde nos era dado o resguardar-nos do frio e o conciliar o sono. Conciliar o sono! Quem disse isso?! Imaginem que dous impagáveis cacetes, cacetes na extensão da palavra e em toda a extensão da lingua, degladiavam-se bravamente, a um canto da camara e passavam uma revista encyclopedica sobre as novidades dos ultimos vinte annos, não omitindo auto-biographias e alleias chronicas. O relógio marcára meia noite, uma hora, duas horas, trez horas e no entanto, sempre após breve sonneca que conseguíamos tirar, ouvia-se aquelle bater de linguas infatigavel, trememente, intenso, inextinguivel, tal qual principiára na vespera, dez minutos depois do Mercedes zarpar de Porto Alegre. Havia comtudo, na extremidade opposta aquelle Maclstron de conversa, alguém que dormia Aquillo inquietava-nos, a nós que mal podiamos cochilar. Um socio de vigilia, o Sr. D., foi o que deu o signal de alarma: começámos a falar em voz alta para chamarmos este alguém ao mundo dos acordados, em supplicio. De repente, d'aquelle lado dos que dormiam, do lado da paz, do lado que os cacetes não haviam perturbado, surgiu uma cabeça que lembrou Pestalozzi e as montanhas da Suissa. Mas o dono da cabeça não era nem montanha, nem pedagogo, era um digno refoleiro da Rua dos Andradas, calmo como um *Englishman* e paciente como um russo, pois afinal de contas nós não estávamos fazendo boa cousa em tornar o participante das nossas misérias nocturnas. Mas, teria elle, quem sabe, também os seus motivos para encaixar-se na palestra. O futuro mostrou que o louro artista não tinha menos habilidade para encaixar peças na conversação do que para encaixar-as num relógio. Approximando-se manso e manso, foi tomando posição no torneio de anecdotes que já principiára em nossa roda, e, quando menos esperávamos, pespedugou a seguinte, que vai lá por conta de maior quantia:

«Um francez chegára da Europa a Montevideo, pela primeira vez. Desconhecia absolutamente, na qualidade de atrazado, o uso da cuia, da bomba, da herva, da agua quente, do etc, de tudo enfim que constituia o que os americanos do sul chegam a malte. No mesmo dia em que chegam a elle, mas já americanizado, precisava ir a um velorio e conduziu naturalmente o seu patrio para a casa mortuaria. Lá, ao

meio de uma sala, o esquite n'uma posição horizontal, algumas velas, e uma dúzia de amigos do morto, eis tudo. N'um instante em que havia pouca gente na sala, o francez chega-se ao defuncto para examinar-lhe a mortalha. Uma criada aproxima-se respeitosamente e entrega ao francez uma caixa com rico bocal e bomba de prata, contendo odorifero *mate*. O francez accoita cortez o que lhe offercem, no entanto fica um momento indeciso porque não está na sala o seu patricio, para dar-lhe uma explicação, necessaria. Mas reflexiona, como bom gaulez que é, e decide de si para si que aquella caixa deve conter alguma especie de agua benta e que aquelle instrumento comprido hade ser, com toda a probabilidade, o hyssope. Feita esta reflexão, não hesita; passa a mão na bomba e zas! borra o defuncto com uns bons tres ou quatro borritos de mate, e se mais não fez foi devido a... intervenção de amigos.

A's 3 horas da tarde de 24 chegámos a Rio Grande. Fazia frio. O Rev. Kinsolving, trazendo Charles em sua companhia, appareceu na doca, guiando um elegante carrinho tirado por um excellente tordilho. Dahi a pouco achei-me em casa do digno presbytero que tem a seu cargo a nossa Igreja em Rio Grande.

Agora, contar-vós o que foram esses oito dias que lá passei (porque lá as semanas tem mais um dia do que em Vianna) é impossível, visto que é demais para mim o tornar saborosa a historia dos nada's. Imaginae que levantava-me ás mesmas horas que o dono da casa (o Sr. K é *dos meus*, para levantar cedo, não sei se sabem); dava o meu passeio a cavallo pelas areias riograndenses, n'um soberbo normando, espantado como elle só e que por pouco não me fez plantar n'aquellas terras afoladas uma figueira colossal, que fosse um triste monumento da minha ignorancia na arte de Sesostris.

Mas, vamos adiante. Desculpem-me se vou devagar, porque isto de caminhar em areias não é cousa que se possa fazer muito depressa. Comia sempre bastante peixe d'agua salgada e bebia bastante agua doce. A proposito, não posso esquecer a insistencia de uma compatriota do Rev. Joahannes, em querer que eu comesse bastante *beef-steak*, a fim de poder pregar; como se o tamanho dos meus sermões estivesse na proporção do *beef-steak* ingerido! Ah! quantas vezes Chicago tem desiludido Boston!

No entanto, falemos serio. A mór parte do dia, dedicava-o ao desempenho do compromisso que sobre mim tomara. Durante os oito dias que permaneci em Rio Grande, preguei oito vezes e dirigi duas allocuções, uma á congregação ingleza e outra á Escola dominical. Como desempenhei-me d'essa obra, não o podem dizer as apreciações feitas até agora, porque n'ellas ha muito de bondade, d'envolta com o desejo de animar-me a maiores estudos. Quanto aos fructos, Jesus Christo, o dono da vinha, é quem os pôde dar, porque Elle disse: *«Eu sou a videira, vós outros as varas; o que permanece em Mim, e aquelle em quem Eu permaneço, esse dá muito fructo; porque vós sem Mim não podeis fazer nada.»* S. João 15:5.

No entanto, sem a vangloria de exaltar-me a mim mesmo, direi que fiz o que em mim estava para obedecer á ordem do meu Divino Mestre quando Elle disse: *«Ide por todo o Mundo e pregai o Evangelho a toda a Creatura.»*

E, si eu precisasse atirar aos inimigos da pregação evangelica mais o golpe de um argumento eloquentissimo, eu apontaria aquella massa popular que asseberbou o recinto da Capella do Salvador, suas ante salas, saguões e corredores, nas ultimas noites de Julho passado, como a irrecusavel prova de que ha uma sede intensa de fé, esperanza e amor, a abraçar a multidão, essa mesma multidão que é despedida, tanto dos templos da Igreja de Roma, como dos gabinetes da philosophia positiva, varia de consolação e de luz.

Sim! a multidão não encontra em sua Igreja senão a mumia de um passado glorioso; não encontra nas philosophias da moda senão a esphinge de uma eterna duvida.

Dahi esse desejo ardente de ouvir a singela pregação do puro Evangelho, que faz com que o povo, passando por cima de todas as prohibições padrescas, acorra em massa ao recinto dos templos evangelicos.

O povo tem sede d'aquella sympathia que só Jesus Christo sabe inspirar. O povo, quando mais laborioso, mais necessitado tem de adotar os seus costumes n'essa fonte de sympathia, porque a luta da vida, o labor da industria, a lida commercial se unem os homens pela communidade do interesse, tendem a separar-os tambem pelo egoismo e pela ambição. A ambição e o egoismo são as chagas da sociedade moderna; a sympathia immensa de Jesus Christo é o oleo santo que hade curar essas chagas, se as deixarem curar.

A Igreja Evangelica em Rio Grande existe ha mais de dez annos e teve como primeiro evangelista creio que o Sr. Emmanuel Van Orden. Mais tarde foi seu pastor o talentoso ministro presbyteriano Rev. M. A. Menezes. Achava-se ella á cargo do Rev. Menezes quando em 1891 a Igreja Presbyteriana delicadamente transferio, á nossa, a direcção d'aquella importante trabalho.

Não gosto de offender a modestia, nem costume baratear elogios; no entanto, o publico precisa saber que a Igreja Evangelica Rio Grandense tem agora um pastor dedicado, cavalheiro e entusiasta, que se vê cercado da sympathia da Congregação. Elle é, além d'isso, e sobretudo, um homem de oração, como nós costumamos dizer em linguagem christã. Não duvido, porém, que uma boa parte de tudo isso, deva-o á sua carinhosa esposa; mas não será o primeiro a quem assim acontece.

(Continúa.)

O Sceptico Moribundo

Um pregador do Evangelho foi pedido uma manhã a visitar um atheista declarado que estava prestes a morrer. Entrando no quarto, achou um homem emagrecido pelos incursos de uma doença a mais incuravel e a mais dolorosa que ha, mas era facil ver que tinha sido extraordinariamente athletico no tempo de saude. O ministro fez algumas perguntas e expremiu a sua sympathia com os soffrimentos d'elle, e disse-lhe que deve lembrar-se como Christo soffreu por todos os peccadores, e até deu sua vida por elles, a fim de que elles pudessem alcançar o perdão de seus peccados. Disse o moribundo em resposta: «Não posso crer n'isto, senhor, oxalá que pudessem.» «Mas,» respondeu o outro, «dizeis que tendes vontade de crer, e se sois sincero em assim querer, podeis obter o seu desejo. Ora, o que credes ao respeito de Jesus Christo?» O atheista replicou: «Creio que um tal homem viviu, e que era homem muito bom, mas nada mais.»

Foi sempre o costume d'este ministro em discutir com os incredulos, se elles concedessem a minima parte da verdade, a servir-se d'esta em seu argumento. Por conseguinte elle disse: «Credes que Jesus era um homem muito bom, muito sincero, não é exacto? Pois bem, julgaes que um homem bom queria enganar a outros, que um homem sincero fallava palavras falsas?» «Com certeza não, respondeu o atheista.» «Então, Elle disse aos Judens. 'Eu, e o Pai somos uma mesma cousa.' E quando pegaram em pedras para lhe atirarem, ainda declarou que era divino, dizendo: 'As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e eu lhes dou a vida eterna.' Como podia um mero homem dizer, 'Eu lhes dou a vida eterna?' Ah, exclamou o doente em voz alta,» «Ah, senhor, nunca pensava n'isto antes, agora entendo, tudo está claro.» Levantando a sua fraca mão, e com um olhar de solemnidade indizível, disse para o ministro com olhos cheios de lagrimas. «Sois o mensageiro de Deus á minha alma. Sim, Christo é Deus, e morreu para salvar os peccadores, para salvar a mim mesmo.» Quasi desmaiou pela força de seus sentimentos, e o ministro, depois de pedir a benção de Deus sobre elle, o deixou com a promessa de voltar no dia seguinte. Assim fez, e achou-o literalmente «uma nova creatura», manifestando muito desejo de ser alimentado com o «Pão da vida», e com a simplicidade de uma creança confiando nas promessas de Deus. Confessou com franqueza que nunca tinha lido o Evangelho, e quando suas grandes verdades lhe foram apresentadas, abraçou-as com fervor, e quasi esqueceu-se de seus soffrimentos terribes

no gozo da experiencia do amor de Christo. Sua filha mais velha sabia ler, e elle lhe deu um Novo Testamento, com algumas passagens marcadas com sua propria mão, e pedia que ella lesse todos os dias uma porção d'elle. Depois d'isto mandou queimar todos os seus livros atheisticos, e duas semanas depois da primeira visita do ministro falleceu, cheio de esperanza e de fé.

Um architecto em Escocia deu a Mr. Moody a seguinte descripção de sua conversão.

«Ha oito annos quando estaveis aqui, assisti em uma de vossas reuniões. Não queria ir, mas um amigo me pediu, e afinal consenti. Chegamos tarde, e ficamos perto da porta. Estaveis fallando, e eu estava examinando o edificio, porque era architecto. De repente ouvi uma cousa que me pareceu singular. Olhando para mim, dissestes: 'Oh! moço, quereis a vida eterna como um dom?' «A vida eterna como um dom!» Eu disse a mim mesmo. «Sou louco se a não aceitar. E desde aquella hora tenho tido a salvação.»

O Baptismo

CAPITULO IV

O segundo voto baptismal

1.º A Fé. Nosso sequado voto baptismal, «crer todos os Artigos da Fé Christã», é, n'uma só palavra, um voto de Fé.

2.º A Fé na vida natural do homem. A Fé não é um principio que pertence só á religião. Usamola todos os dias de nossa vida. Na fé, na firme convicção de que o somno dará novas forças aos nossos corpos cansados, deitamo-nos de noite. Na fé lançamos a semente na terra, crendo firmemente que a primavera será seguida pelo verão, e o verão, pelo inverno.

Na fé collocamo-nos sob o cuidado de um medico, e, na esperanza de uma cura, tomamos os remedios que elle receita.

Enfim tudo quanto fazemos, qualquer que seja o motivo, sem sermos levados pelos impulsos dos sentidos nem pelas paixões do momento, tudo que fazemos por outros, ou com referencia ao futuro, ainda que não seja mais distante do que o dia de amanhã, é por certo um acto de fé.

3.º A Fé religiosa. A fé, na religião, é o mesmo principio como a fé na vida natural, e differe sómente no seu objecto. E' uma persuasão profunda da existencia e caracter de Deus, como se acham revelados a nós no Evangelho do seu Filho, e uma confiança inabalavel e dependencia d'Elle, de sua Palavra, e de sua Vontade. (Heb. XI:1, 6.)

4.º Os Credos. Dos tempos primitivos todos os que vieram a ser baptizados, eram obrigados a fazer uma confissão publica de sua fé. Tal confissão chama-se «Credo», que é derivada da palavra latina, «Credo», eu creio. No principio estes Credos eram muito breves e simples (Actos 8:37), porém, como a Igreja extendeu-se, tornou-se necessario, devido á introdução de falsas doutrinas, fazel-os mais exactos e definidos, e assim iam-se augmentando até que assumissem a forma em que agora se acham.

5.º O Credo dos Apostolos. O Credo, de que se diz no Catechismo que contem os artigos da fé christã, é communmente chamado o Credo dos Apostolos. E' assim chamado, não porque foi composto pelos Apostolos, mas porque contem as doutrinas que elles ensinaram, e é substancialmente o mesmo que tem sido usado na Igreja desde os seus dias.

6.º O Credo Niceno. Além do Credo dos Apostolos ha tambem o Credo Niceno. Este foi composto no Concilio Niceno, que teve logar na Bithynia, A. D. 325, e depois augmentado no Concilio Constantinopole A. D. 381. Foi destinado especialmente a oppor ás opiniões d'aquelles que ensinaram que nosso Senhor Jesus Christo não era o unigenito Filho de Deus, e por consequencia não era Deus, e que o Espirito Santo era uma creatura. Portanto trata particularmente da divindade do Filho e do Espirito Santo.

(Continúa.)

Rio

Infelizmente entramos o afamado porto do Rio durante a noite, ancorando bem cedo no dia seguinte. Por conseguinte pouco podiamos apreciar esta vista considerada uma das mais bellas de todo o mundo; contudo ficamos sumamente impressionados pela importancia e belleza da cidade.

Ah, que encantador não seria este lugar, se a immensa cidade com seus 600 mil almas fosse adoradora de Deus em espirito e verdade. Em quanto contemplei o vasto panorama da cidade, dormindo na luz da manhã entre o azul das montanhas e o verde da bahia, involuntariamente levantei meu coração ao Grande Creador, pedindo que alumie com a sua luz esta grande capital.

Desembarcando logo, principiei a fazer indagações dos vapores para New-York. Depois de alguma difficuldade, comprei passagem no vapor «Creole Prince». Immediatamente transfiri minha bagagem a esse vapor, e arrangei aposento para minha familia no hotel Estados Unidos do Brazil.

Não tive tempo de ver os logares de interesse dentro e fora da cidade, apenas pude passear pelas ruas e praças principaes, e apreciar as evidencias da actividade por toda a parte. Gosto mais do Porto Alegre, não ha cidade como ella, porém devemos confessar que as nossas ruas pareciam quietas e quasi desertas em comparação com as populosas praças do Rio.

Gostei immensamente da Rua d'Ourvidor; como sabem os meus leitores, é muito estreita, quasi á largura sómente d'um becco. Carros, carroças, etc. não são permitidos n'esta rua. Está sempre cheia de gente, passeando, conversando, ou apresandando-se para cumprir as obrigações do commercio. Interessei-me muito em observar a massa do povo, sempre movendo, sempre mudando, interminavel. Podia ter passado horas no Ourvidor, sem cansar-me; é sem duvida uma das ruas mais interessantes, mais pittorescas que tenho visto. Porém quem passear n'esta rua deve andar bem farto de dinheiro. As lojas, as confeitarias, as livrarias, as casas de miudezas e curiosidades, são quasi irresistiveis.

Emquanto estavamos no Rio, o corpo do recentemente fallecido Marechal Floriano foi exposto n'uma das principaes igrejas, e retratos do distincto ex-presidente foram vendidos por toda a parte. A igreja estava durante o dia tão repleta de gente que sem uma hora de demora, era impossivel ver o distincto morto.

Assim é o fim do grande e do pobre: a morte não faz excepção de pessoas. «De tudo o que se tem ouvido, o fim da cousa é: Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos, porque isto é o dever de todo o homem.» (Eclesiastas 12:13.)

No segundo dia, feitos os arranjos necessarios, fui buscar os irmãos da cidade.

Na rua Sete de Setembro achei a livraria evangelica do Rev. João M. dos Santos, pastor da Igreja Fluminense, e agente da Sociedade Biblica Britanica. A Igreja Fluminense é a maior do Brazil, tendo mais que 300 communicantes e sustentando seu pastor. O Rev. Santos mostrou-se animado no trabalho; ha uma igreja afilhada em Netheroy. Dahi fui ao numero 96 rua da Assembléa, onde se acham a sala da Sociedade dos Moccos Christãos, o escriptorio do agente da Sociedade Biblica Americana, e uma livraria evangelica.

Encontrei-me com os Revs. Tilly e Joiner da Missão Methodista, e em companhia com elles o Rev. Dr. Morrison, secretario geral da mesma Missão.

Este distincto irmão tinha chegado ha dias dos E. U. do Norte em companhia com o Bispo Dr. Granberry. Passei uma hora conversando com estes verdadeiros irmãos. Elles perguntaram affectuosamente de nossa igreja rio-grandense e alegraram-se de ouvir boas noticias d'ella. Deram-me noticias animadoras do seu trabalho nos estados do Rio, Minas, e S. Paulo, pelas quaes dei graças a Deus. O bispo e Dr. Morrison pretenderam assistir na Conferencia Geral em S. Paulo. Tudo mostrou grande animação e fervor na igreja.

O Rev. H. C. Tucker, o agente da Sociedade Americana Biblica, não estava no escriptorio; porém veio visitar-me no hotel. Elle é genro do bispo Granberry, e um dos veteranos campões do Evangelho no Brazil, apesar de ser ainda moço. Elle

está contemplando uma visita a Rio Grande, visto que esse estado é agora parte da sua agência. É um prazer que todos tenham de conhecer um irmão tão dedicado e cheio de zelo.

Na mesma noite fui com a minha senhora visitar o bispo Granberry e senhora na casa do irmão Tucker. Passamos uma hora muito agradável com estes irmãos, e sabíamos encomendados ao Senhor em oração.

No dia de nossa partida, o Rev. Sr. Rogers e senhora vieram visitar-nos. Elles moram um pouco retirados do centro da cidade, e por isso não sabiam de nossa presença no Rio. Apreciamos altamente o interesse que mostraram em nós e em nossa igreja. O Rev. Rogers é missionário da Igreja Presbiteriana, e tem um trabalho cheio de esperança n'um dos arrabaldes da cidade. A primeira igreja Presbiteriana é forte em números, e sustenta seu pastor. O pastor actual é Rev. Lina da Costa. O Rev. Sr. Rogers principiou há pouco tempo este novo trabalho, e está animado pelos resultados.

Mas quão poucos são os trabalhadores, e quão immenso o campo n'esta vasta cidade do Rio. Oremos, irmãos, por estes poucos que vão testemunhando ao Senhor entre os milhares da grande capital.

Todos os missionários do Rio, acham que não há outra cidade no mundo igual. Um d'elles me declarou que tencionou ficar até a Sociedade o obrigar a deixá-la. E sem duvida um dos mais lindos lugares em toda a terra.

James W. Morris.

Pernambuco, 16 de Julho.

Rev. A. V. Cabral

Conforme era esperado, chegou ao Rio Grande no dia 24 de Julho pp. o Rev., cujo nome nos serve de epigraphe.

No mesmo dia de sua chegada, encetou uma serie de predicas na nossa capella do Salvador, continuando diariamente até o dia de sua partida para a capital do Estado.

O Rev. Cabral pronunciou durante sua estada, eloquentes sermões; que não só animaram nossos irmãos, como também despertaram interesse da parte dos assistentes, que puderam ver realçadas a cada instante as doutrinas do Divino Mestre.

E não só isto. Aquelles discursos podião dar uma prova eloquente da nossa crença pura e simples, servindo ao mesmo tempo d'um solemne protesto contra o erro, e contra as falsidades que servem de arma vil aos nossos adversarios, que pensão poder desprestigiar-nos d'essa maneira reprovavel, isto é: servindo-se da mentira para afastar o povo d'uma fonte onde elle bebe as puras doutrinas do Nazareno; doutrinas que são conservadas, e não adulteradas.

No dia 26, a noite estava chuvosa, e não obstante houve uma concurrencia regular.

E' preciso notar, que raras foram as noites boas, durante a estada de nosso irmão aqui.

Não obstante havia sempre congregações numerosas e attentas ás palavras do orador.

No Domingo, 28, o Rev. Cabral pregou quatro vezes.

A's 10 horas fez um discurso simples e tocante dirigido aos pequenos assistentes da Escola Dominical, incitando-os a seguir o nosso grande Amigo Jesus Christo, convidando-os a aproveitar aquellas lições sublimes do Evangelho que são de grande e alto valor para o homem.

A's 11 horas celebrou-se a santa Eucharistia, pregando por essa occasião o mesmo Rev. Sr. e á noite perante uma concurrencia extraordinaria ouviu-se mais uma vez a palavra eloquente do nosso dedicado irmão.

E' escusado dizer que o sermão foi perfeitamente desenvolvido.

La esquecendo-me de dizer que no culto em inglez também fez-se ouvir o Rev. Cabral, fallando porém em sua lingua patria, e pedindo o apoio da congregação ingleza á brasileira, a fim de que aquella seja mais um braço forte, auxiliando esta.

Na noite de Domingo o numero de assistentes era tão grande, que tornou-se necessario buscar os bancos da escola para accomodar varias pessoas que tinham ficado de pé.

Ainda assim muitas se conservaram n'esta posição por falta de lugares.

Não devo deixar de relatar um facto que admirei sobremaneira. — Depois de findo o sermão varias pessoas foram cumprimentar o Rev. Cabral e dar-lhe as parabens pela maneira brilhante como havia proferido o sermão.

Entre estas havia um mancebo que por sua vez também cumprimentou-o e felicitou-o.

Então o Rev. Cabral agradecendo disse: «Senhor; não deve sómente examinar a forma, porém também o fundo.»

E realmente. Se todos, ou pelo menos a maior parte, dos assistentes assim procedessem talvez chegassem ao conhecimento da verdade.

E' necessario examinar!

S. Paulo, o grande apóstolo, conhecendo isto, proferiu as seguintes palavras: «Examinaí porém tudo, abraçai o que é bom.»

Não vamos fazer, como tem feito os adeptos d'uma religião, que nos conhecemos, que so tratão de agarrar outros adeptos, vedando-lhes as Escripuras, incutindo-lhes no espirito uma falsa religião, fazendo-os enfim adeptos d'um culto idolatra e anti-christão. Não! Examinemos! E d'este exame, isto é: d'um exame consciencioso, chegaremos afinal á conclusão, de que so no Evangelho, achamos um christianismo, puro e conservado, conforme as doutrinas pregadas pelo seu bemdito fundador.

Nos dias seguintes em que o Rev. Cabral pregou havia sempre congregações bem numerosas, porém no dia 31 de Julho pp., quando elle terminou a serie de predicas, havia uma tal concurrencia, que muitas pessoas tiveram que retirar-se por absoluta falta de logar.

As janellas foram abertas para que o grande numero de pessoas que estavam na rua, ansiosas por ouvir a Palavra de Deus, podessem ouvi-la.

La-me esquecendo ainda dizer que no ultimo dia em que o nosso irmão esteve entre nós o Rev. Kinsolving, convidou os commungantes, para uma festa intima em honra ao Rev. Cabral, e que se realisou em sua residencia.

Varios orgãos da imprensa local e da de Pelotas referindo-se em termos honrosos para a causa do Evangelho e ao Rev. Cabral.

As descrições dos serviços e dos sermões foram publicados no «Artista» e «Diario» d'esta cidade em extensas noticias na secção dos Apeidos.

Foi essa uma medida excellente, e que produziu os seus bons effectos.

O Rev. Cabral seguiu para Pelotas no dia 1.º de Agosto onde ia pregar até haver um vapor para o conduzir a Porto Alegre.

Emfim, a estada do nosso irmão aqui nos ficará como uma grata recordação, e o interesse despertado pelos seus sermões, a semente lançada, e abençoada por Deus, ha de produzir necessariamente os seus bons fructos.

E todos aquelles dias memoraveis servirão para encher uma pagina, escripta com caracteres de ouro, na historia da Igreja Evangelica Rio-Grandense.

Rio Grande, Agosto 1895.

F. G. S.

Portugal

Segundo se depreheende de telegrammas recentes, expedidos de Lisboa, começa a operar-se alli uma reacção contra o jesuitismo.

O governo tem tomado medidas energicas contra o clericalismo.

O povo achá-se indignado, e deu motivo a isto, cremos, o rapto de crianças de que dizem ser autores os jesuitas.

Vamos aguardar mais detalhadas noticias sobre o assumpto.

Cartas do Sul

VI

Meu caro Redactor!

N'um dos ultimos numeros do nosso jornal, um nosso irmão dirigiu um appello aos irmãos e amigos, pedindo para arranjarem assignaturas para o «Estandarte Christão».

Quero hoje secundar-o, e dirigir de novo esse pedido aos leitores d'este humilde orgão da verdade, aos amigos que se inte-

ressão pela santa causa do Evangelho, e aos irmãos, que tem o dever de trabalhar para adiantal-a.

Há trez annos que o «Estandarte» surti no mundo da publicidade.

Cheios de animo e esperanza os seus redactores empunharam a penna, e com ella traçaram o caminho por onde elle devia seguir, e creio que até hoje elle se não tem afastado da estrada por onde o encaminharam, cumprindo fielmente o seu programma, que resume-se na defeza da mais santa das causas!

Ninguém pôde duvidar que um jornal que annuncia as boas novas de Salvação, é também um pregador.

Sim; elle penetra em muitos lares, e a sua leitura, em silencio, ha de forçosamente produzir algum fructo, ou pelo menos lançar uma semente, que mais tarde ha de produzir.

Irmãos e amigos! Nós que almejamos sinceramente o progresso do Evangelho em nossa querida patria, não vamos desprezar este grande motor que é a imprensa. Vamos esforçar-nos a encher a lista dos nossos assignantes, dar uma maior circulação ao «Estandarte» que também é um factor poderoso, e que nos tem ajudado bastante na diffusão da luz, e das santas doutrinas do Divino Mestre.

Quantos n'essa campanha deserta, outr'ora tão verdejante, tão cheia de vida, achão-se tristes, desconsolados, ante um espectáculo tão triste!?

E ás vezes immersos em tristes pensamentos, não achão um consolo, uma pessoa que os venha animar.

Eis, porém, que de repente ouve-se um leve ruído.

Por baixo da porta de sua choupana vê-se um papel impresso. Sem ter uma distracção o camponio agarra ligeiramente a folha e devora aquella leitura.

E, agora, queridos leitores não credes que muitissimas vezes por meio dessa virgem, filha de Gutenberg, que é a imprensa, um ente pôde chegar ao conhecimento da verdade?

— Sim, por certo.

Uma pessoa que lê descansadamente, vai meditando ao mesmo tempo, e aquellas lições que ella vai aprendendo, aquelles exemplos que alli se achão descriptos vão influir muitissimo em seu animo.

Vamos então esforçar-nos, e não deixemos extinguir-se este pequeno facho que ha tres annos foi acceso.

Pensai bem, sobre o que venho te dizer e cumpre o teu dever leitor e irmão, amigo, de pelear e trabalhar em prol do Bemdito Evangelho.

Fritz.

Rio Grande, Agosto de 1895.

Rio Grande

Os irmãos do Rio Grande não vão fazer ouvidos de mercador ao nobre appello que lhes foi dirigido pelos do Rio dos Sinos. Segundo me dizem vai ser enviada a'qui uma quantia bem regular, para ser applicada, como já se sabe, para concluir a construcção do templo que se está levantando ali.

Só a collecta tirada para esse fim produziu cincoenta e tantos milréis. Além d'essa quantia, será a somma que se pensa enviar.

E' um facto que vai por certo animar nossos irmãos do Rio dos Sinos, vendo assim correspondido o appello que nos foi enviado.

A nossa Igreja do Salvador vai em breve passar por reformas de pintura, o que, já se ia tornando necessario.

Um de nossos irmãos teve uma ideia, que esperamos não fique em projecto.

E' a nomeação, ou melhor, a formação d'uma commissão encarregado de fazer convites para os serviços divinos.

Esses convites deverão ser impressos trazendo nas costas o assumpto do sermão de dia.

Esta medida pôde produzir muitos e bons resultados em favor do Evangelho, e estou quasi certo que a ideia não vai ser abandonada.

A «commissão angariadora de donativos» nomeada ultimamente em sessão da Junta Parochial, já começou a desempenhar o seu encargo, e seus esforços não tem sido baldes.

Do resultado total das listas de donativos, se deduzirá 20%, que reverterão em favor da Capella do Calvario no Rio dos Sinos.

Tivemos a agradável visita do estimado diacono Sr. Rev. Americo V. Cabral.

N'outro lugar d'esta folha damos uma incompleta discrição de sua estada n'esta cidade.

S. Rita do Rio dos Sinos

No dia 8 de Agosto parti de Porto Alegre com o fim de fazer a visita do costume á Capella do Calvario, em S. Rita do Rio dos Sinos. Esperava-me na estação de Canoas o Rev. Fraga com quem continuei viagem e em cuja casa me hospedei. No dia seguinte ao meio dia celebrou-se a Santa Ceia, achando-se, na Capella, boa congregação.

Foram admittidas mais as seguintes pessoas, á Sagrada Comunhão:

D.ª Angelica Ignacia da Silveira.
D.ª Maria Candida da Silveira.
D.ª Luiza Ramires.
D.ª Maria Christina dos Santos.
D.ª Mauricia Rosa da Silva.
D.ª Emilia Eleuteria da Silva.
Sr. Antonio Sarmento de Fraga.
Sr. Zepherino Sarmento de Fraga.
Sr. Camillo Jacyntho da Silveira.

Para com muitos irmãos deixei de cumprir os deveres de uma visita; peço que me desculpem essa falta.

As obras do templo continuam, ainda que vagarosamente; os irmãos, unidos, fazem sacrificio para terminal-as.

As contribuições para o templo em Rio dos Sinos vão pela seguinte forma:

Quantia já publicada Rs. 1:219\$580
P. A., Capella do Bom Pastor Rs. 40\$000
P. A., » da Trindade » 27\$040
R. S., » do Calvario » 42\$320
Pelotas, » do Redemptor » 75\$520
R. G., » do Salvador » 160\$000
P. A., Rev. W. C. Brown » 20\$000
R. S., Capella do Calvario » 30\$600
Angariado pelos Sr.ª André
e Affonso Antunes » 15\$500
Total Rs. 1:630\$560

Tenho a registrar o passamento do menino Argymiro, filho do nosso irmão Sr. Maurilio Prates de M. Sarmento e D.ª Diamantina Sarmento.

No dia 17 de Julho, prestes a morrer, Argymiro disse a seu pae: «Não chores papae... Jesus é meu?» E seu pae respondeu-lhe: «Sim, meu filho, elle é teu, e ninguém t'o pôde tirar». A criança repetiu: «Então não chores papae, porque eu vou ter com meu Jesus». Aquelle menino que não tinha medo de morrer, produziu ao sahir d'este mundo, uma profunda impressão.

W. C. B.

Capella do Bom Pastor

A Escola Dominical, n'esta Capella, é muito prommettidora, pois conta com 20 alumnos. No dia 14 foram admittidas á Igreja as seguintes pessoas:

D.ª Raphaela Soares.
D.ª Maria da Conceição Soares.
D.ª Augusta Zinga.

Pensamentos

O diabo não pôde exercer mais poder sobre nós do que nós lhe permitimos.

Nós nunca nos arrependemos de nossa benignidade, mas sempre de nossa dureza.

Não consinta que o dia de amanhã te roube as benções de hoje.

Typographia de Gundlach & Schult.